



**UNIVERSIDADE REGIONAL DO NOROESTE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO
SUL – UNIJUÍ**

DEPARTAMENTO DE HUMANIDADES E EDUCAÇÃO - DHE

CURSO DE PEDAGOGIA

Joceane Maria Fantinelli Severo

**AS CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA INFANTIL NA
CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO LEITOR NA EDUCAÇÃO
INFANTIL: O PAPEL DA ESCOLA E DA FAMÍLIA**

Ijuí /RS
2015

JOCEANE MARIA FANTINELLI SEVERO

**AS CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA INFANTIL NA
CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO LEITOR NA EDUCAÇÃO
INFANTIL: O PAPEL DA ESCOLA E DA FAMÍLIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia, Departamento de Humanidades e Educação (DHE) da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Professora Orientadora: Prof^ª Ms. Lídia Inês Allebrandt

Ijuí /RS
2015

SEVERO, Joceane M. F. **As Contribuições da Literatura Infantil na Constituição do Sujeito Leitor na Educação Infantil: o papel da escola e da família.**

RESUMO

O presente artigo foi desenvolvido a partir da experiência de observação de práticas de leitura desenvolvidas no cotidiano escolar na educação infantil. Optei pelas observações *in loco*, escuta infantil, diálogo com a professora para saber o que pensa sobre o tema em estudo, especialmente sobre a importância do ato de ler e ouvir história na educação infantil como forma de experiência, além de identificar as ações desenvolvidas em prol da formação de leitores. A proposta foi conhecer e analisar como ocorre a formação do gosto pela leitura na infância em crianças que frequentam a educação infantil, e, igualmente, saber qual a influência familiar. E, de posse desse conhecimento, refletir acerca da contribuição da escola e da família na formação de leitores infantis e a contribuição da literatura infantil no desenvolvimento da criança. O trabalho tem como fundamentos estudos desenvolvidos por Zilberman, Abramovich, Busatto, Faria & Salles; Corso & Corso e Freire. Concluí que a escola em sua proposta pedagógica oportuniza um ambiente propício que possibilita que aconteçam experiências com a leitura e aproximação das crianças com os livros e que as interações oportunizam a formação de leitores e reelaborações dos textos ouvidos, gerando o contar história. E que, nos momentos mais descontraídos, o ato de ler está presente como atividade lúdica, pois as crianças brincam de ler sem se importar com o código linguístico. A partir das falas infantis, percebi a influência da família na constituição de leitores. Finalizando, a experiência de leitura para a criança vai além de decifrar o código linguístico, isso porque desperta desejos, criatividade, imaginação e curiosidade pelos livros infantis. Do que decorre a vontade de ler histórias.

Palavras-chave: Educação Infantil. Leitura. Mediação Pedagógica. Formação de Leitores.

INTRODUÇÃO

Durante o período de graduação constantemente ouvia falar sobre a importância da leitura, tanto para a formação de leitores, como para minha formação pessoal e profissional. Também líamos e ouvíamos histórias infantis para que isso nos aproximasse do universo literário infantil. Desde então, penso no assunto com seriedade. Portanto, o desejo de pesquisar sobre o tema nasceu do desejo de aprofundar estudos, conhecer e analisar prática pedagógica formadora de leitores em turma da Educação Infantil.

Para compreender um pouco esse desejo, trago minha história. Sou a terceira filha de quatro irmãos e sempre morei com meus pais na cidade de Ijuí. Meu pai estudou até o equivalente ao 1º ano do Ensino Médio e, minha mãe, até o 3º ano do Ensino Fundamental, mas ambos pararam de estudar porque precisavam ajudar no sustento da família. Na infância, meus pais nunca liam para mim e para meus irmãos, também não lembro de possuir livros em nossa casa. O incentivo para a leitura era motivado na escola pelos professores que nos levavam à biblioteca da escola para ler. Tínhamos uma caderneta e ali anotávamos os livros lidos e um comentário ou desenho sobre o que mais havia gostado. Também líamos na sala de aula e no pátio.

Hoje, já casada e com uma filha, percebo a importância da família na constituição pessoal e na sua formação como leitora, porque no convívio familiar é possível ampliar o prazer de ler vários gêneros textuais e esse incentivo contribui também na formação desenvolvida no ambiente escolar. Acredito que a leitura no ambiente familiar está presente em vários momentos, por exemplo, nas tarefas escolares, na pesquisa e para saciar curiosidades, mediante os quais o diálogo nos aproxima e possibilita descobrir algo novo contribuindo para gerar ou ampliar conhecimentos.

Atualmente vivemos num mundo repleto de tecnologias no qual as crianças passam muito tempo na frente de televisores, celulares, tablets ou computadores. Tudo e todos estão conectados virtualmente. Acredito que esse modo de interação afasta as pessoas do convívio social face a face e, muitas vezes, dificulta que compartilhem de modo mais profundo suas leituras, embora gerem outras experiências de leitura e diálogos. Talvez por isso, o livro físico e outros suportes de textos são menos acessados por alguns leitores que buscam informações mais condensadas. Em razão disso, quando pensamos a formação do leitor infantil em espaço e tempo específico, lembramos de duas instituições responsáveis: a família e a escola, que podem produzir experiências

importantes que começam com o ato de ouvir histórias, comentar livros lidos, recontar histórias que leu e gostou, enfim criar relacionamentos.

Nas palavras de Rizzoli (2005, p. 14)

A criança enriquece a história ouvida e se enriquece com todas as fantasias que a história deflagra. Isso é muito importante porque é só com o adulto, só com o relacionamento com outra pessoa, que ela pode desenvolver suas fantasias. A atitude do adulto é extremamente importante para que a criança possa se introduzir na história de um livro.

Somos sujeitos rodeados por histórias e acontecimentos que, ao serem narrados, ajudam na construção de nossa identidade, que ao serem recontadas são significadas e criam novas histórias ou novos modos de entender os fatos. Isso porque o ser humano traz consigo a necessidade de contar fatos vivenciados e/ou presenciados e, também, do mundo imaginário. Nesse contexto, a literatura ocupa papel de destaque.

Considerando o exposto, o estudo realizado teve como objetivo conhecer e analisar como ocorre a formação do gosto e prazer pela leitura na infância em crianças que frequentam a educação infantil, bem como se dá a influência familiar e qual a contribuição da literatura infantil no seu desenvolvimento. Isso porque a criança no período que está frequentando a Educação Infantil encontra-se em num nível importante de letramento¹, cujas práticas envolvem o manusear livros ou outros portadores de textos; de participar de sessões de contação de histórias, ler livros do seu jeito, recontar as histórias com apoio da imaginação, memória e imagens. Experiências que oportunizam formar o gosto leitor e a apreciação estética de obras literárias infantis; acontecimentos que instigam o professor a pensar e realizar sua prática docente possibilitando um ambiente adequado para o incentivo à leitura, acesso aos livros e uma metodologia que priorize o lúdico, o prazer, a conversa. Práticas que sejam constantes.

Dessa forma, optei pelas observações *in loco*, escuta infantil sobre suas experiências de leitura na escola e na família e, também, diálogo com a professora para saber o que pensa sobre o tema em estudo, especialmente sobre a importância do ato de ler e ouvir história na educação infantil como forma de experiências, além de identificar as ações desenvolvidas em prol da formação de leitores.

As experiências de leitura foram desenvolvidas em uma Escola de Educação Básica, marcada por uma história de respeito pela criança, considerada protagonista da

¹ Letramento entendido como práticas sociais de leitura e escrita como explicita Magda Soares (2002)

sua aprendizagem. A pesquisa envolveu a professora da turma e crianças de cinco e seis anos, que são ativas, participativas, críticas e autônomas, o que foi evidenciado durante a participação das mesmas nas atividades cotidianas organizadas pela professora que possibilita a participação das crianças em todos os momentos. Por exemplo, no momento da rodinha, todas emitem sua opinião de forma a expressar suas ideias, também têm liberdade para pesquisar algo do seu interesse.

Para conhecê-las melhor, conversei individualmente com algumas crianças e as observei interagindo em seu cotidiano escolar. O objetivo das observações de práticas pedagógicas, concomitante aos estudos teóricos foi estabelecer relação teoria e prática no que tange à formação do sujeito leitor e sua experiência no cotidiano escolar. A observação contribuiu para conhecer os espaços e tempos destinados à literatura, como acontece o acesso aos livros, a socialização das leituras, como o ambiente escolar influencia nessa formação, bem como os modos de mediação pedagógica da professora. Busquei, igualmente, saber como ocorre a leitura de outros gêneros textuais, uma vez que a escola trabalha com a pesquisa de temas em estudo. Em relação às experiências de leitura na família o estudo foi baseado nas falas das crianças com a pesquisadora.

Desta forma, com base na escuta das diferentes vozes (adulto e crianças) e nas observações, elaborei um relato e uma análise na perspectiva de construir entendimentos sobre a questão norteadora deste trabalho, ou seja, como as crianças constroem o gosto e o prazer pela leitura.

Isso porque acredito que

[...] o estudo das crianças a partir de si mesmas permite descortinar uma outra realidade social, que é aquela que emerge das interpretações infantis dos respectivos mundos de vida. O olhar das crianças permite revelar fenômenos sociais que o olhar dos adultos deixa na penumbra ou obscurece totalmente. Assim, interpretar as representações sociais das crianças pode ser não apenas um meio de acesso à infância como categoria social, mas às próprias estruturas e dinâmicas sociais que são desocultadas no discurso das crianças (SARMENTO; PINTO, 1997, p. 25).

A proposta curricular da Educação Infantil na instituição observada pauta-se na construção de aprendizagens mediante experiências entre todos aqueles que estão inseridos na escola, possibilitando a formação de sujeitos autônomos, criativos, pesquisadores e curiosos em relação à cultura e conhecimentos relacionados à sua vida. Para tanto, são elaborados projetos e desenvolvidas pesquisas, isso porque a escola considera a criança protagonista do seu processo de aprendizagens, oportunizando um ambiente propício à pesquisa e ao prazer da leitura.

Nesse sentido, a professora da turma preocupa-se em seu planejamento em promover situações desafiadoras e motivadoras em relação ao gosto pela leitura instigando o imaginário e a curiosidade, o que vai ao encontro do que Ostetto afirma sobre a necessidade de um bom planejamento.

Elaborar um “planejamento bem planejado” no espaço da educação infantil significa entrar na relação com as crianças, mergulhar na aventura em busca do desconhecido, construir a identidade de grupo junto com as crianças. Assim, mais do que conteúdos da matemática, da língua portuguesa e das ciências, o planejamento na educação infantil é essencialmente linguagem, formas de expressão e leitura do mundo que nos rodeia e que nos causam espanto e paixão por desvendá-lo, formulando perguntas e convivendo com a dúvida (OSTETTO, 2000, p. 190).

Também, nesta direção, a organização curricular para infância, segundo as Diretrizes Curriculares para Educação Infantil, faz referência e

[...] orientam, de modo geral, sobre a importância de se garantir no currículo da Educação Infantil experiências relativas à linguagem verbal. Definem também, de forma mais específica, no seu art. 9º, inciso 111, que devem ser possibilitadas às crianças "experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos (BRASIL, CNE/CEB, 2009).

A linguagem oral está presente desde o nascimento de cada sujeito porque os adultos falam com a criança a qual reage, pois possui capacidade de ouvir e emitir sons nas interações com familiares que atribuem sentido às suas falas e, assim, ela vai criando o seu repertório de significados, ou como afirmam ^[LIA1] Faria e Salles:

São as pessoas que com ela convivem que vão dando sentido aos seus gestos e às suas emissões sonoras. Interpretando-os e traduzindo-os de acordo com o seu contexto de uso. Imprimem-lhes, dessa forma, intenção comunicativa. Progressivamente, os balbucios vão se tornando palavras que são entendidas pelo outro quando associadas aos objetos presentes. Paralelamente a essa possibilidade de expressão de significados, desenvolve-se também sua capacidade de escuta e de compreensão da fala do outro, ao mesmo tempo em que se desenvolve seu aparelho fonoarticulatório, permitindo a pronúncia cada vez mais precisa dos sons (FARIA & SALLES, 2012, p. 129).

Na escola, a linguagem oral e a linguagem escrita estão presentes no cotidiano das crianças nos vários gêneros textuais que ali circulam, pois há sempre alguém que fala ou escreve, sendo que se diferenciam nos seus processos,

[...] na linguagem oral há a presença do interlocutor no ato da fala e muitas vezes o contexto está presente, o que determina que o sentido seja explicitado nos gestos, nas expressões faciais, no ritmo, volume, intensidade e entonação. Já na linguagem escrita, como o interlocutor geralmente está ausente, é necessário situar o contexto e explicitar o sentido por meio de expressões escritas e pontuação. Como existe distância temporal entre o pensar e o escrever, a linguagem escrita permite maior reflexão por parte do autor e, conseqüentemente, maior organização das ideias, estrutura mais elaborada, utilizando-se de elementos de coesão, coerência, progressão e intertextualidade e, muitas vezes, exige vocabulário mais formal. É importante também se ter claro que a linguagem oral permite maior liberdade em seu uso, de acordo com

O dialeto e outras características regionais e pessoais, enquanto a linguagem escrita deve levar em conta as convenções da gramática normativa (FARIA & SALLES, 2012, p. 128).

No cotidiano da Educação Infantil, observa-se a necessidade que as crianças expressam em ter contato com as histórias em vários momentos. Por isso a contação de história pode existir tanto nos momentos planejados, quanto nas brincadeiras ou outros momentos de convívio entre crianças. Nesse sentido, a sala pode ser organizada, possibilitando que todos tenham acesso aos materiais, proporcionando autonomia aos sujeitos e a socialização entre todos, o que novamente reforça o compromisso da escola em considerar as características das crianças e orientar-se, também, nas políticas que orientam a educação.

A instituição de educação infantil deve estar organizada de forma a favorecer e valorizar essa autonomia da criança. Para isso, os ambientes e os materiais devem estar dispostos de forma que as crianças possam fazer escolhas, desenvolvendo atividades individualmente, em pequenos grupos ou em um grupo maior. As professoras devem atuar de maneira a incentivar essa busca de autonomia, sem deixar de estar atentas para interagir e apoiar as crianças nesse processo (BRASIL/MEC/SEB, 2009, p. 50).

A esse respeito Zilbermann descreve que:

[...] a sala de aula é um espaço privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura, assim como um campo importante para o intercâmbio da cultura literária, não podendo ser ignorada, muito menos desmentida sua utilidade. Por isso, o educador deve adotar uma postura criativa que estimule o desenvolvimento integral da criança (ZILBERMANN, 1987, p.16).

Na escola pesquisada, a literatura infantil está muito presente no ambiente, pois é um elemento que representa o mundo e a vida por meio das palavras, deixando criatividade, prazer e aprendizagem entrelaçados. As crianças têm livre acesso para pegar, manusear, brincar, ler e sugerir que a professora conte para a turma. Prática que promove o ato de ouvir história e possibilita sentir várias emoções e significando a forma de interpretação do mundo e dos sentimentos.

[...] é ouvindo histórias que se podem sentir emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve (ABRAMOVICH, 1997 p. 17).

A literatura cria condições para formação de princípios despertando diferentes relações, sentimentos e visões de mundo.

Ler, pra mim, sempre significou abrir todas as comportas pra entender o mundo através dos olhos dos autores e da vivência das personagens... Ler foi sempre maravilha, gostosura, necessidade primeira e básica, prazer insubstituível... E continua, lindamente, sendo exatamente isso! (ABRAMOVICH, 1997, p. 14).

Considerando o exposto até aqui, afirmo que ler e escrever conduzem a um processo de aprender, de conhecer, de construir novos significados e estabelecer relacionamentos.

Durante as conversas, as crianças responderam que gostam quando a professora conta histórias e argumentaram que a mesma faz toda uma cena estabelecendo uma leitura com os olhos, ouvidos, enfim, com o corpo todo. Durante a escuta da história questionam, usam da imaginação para fazer relação com o que vivem ou já viveram e afirmam uma relação de aceitação em relação à leitura. Afirma Larrosa que:

[...] o professor deve transmitir é uma relação com o texto: uma forma de atenção, uma atitude de escuta, uma inquietude, uma abertura. E isso não é limitar-se a uma posição passiva, não é meramente administrar o ato de leitura durante a aula. Não é só deixar que os alunos leiam, mas fazer que a leitura como experiência seja possível. A função do professor é manter viva a biblioteca como espaço de formação (LARROSA, 2011, p.12 apud: REVISTA REFLEXÃO E AÇÃO)

Sobre o potencial dos contos de fadas para o desenvolvimento infantil, Einstein (apud RIZZOLI, 2005, p. 10) sugeriu que

[...] se contassem muitos e muitos contos de fadas para as crianças. Segundo ele somente quando a criança tem uma grande dose de curiosidade é que ela vai se sentir interessada a enfrentar situações específicas e seus desdobramentos. Se a criança desenvolver a imaginação, se ela tiver a curiosidade desenvolvida, ela poderá responder às várias situações que surgirão durante a vida e solucionar problemas futuros.

Nesta linha de raciocínio, Corso & Corso (2006, p.106) afirmam que:

Para a infância, os contos de fadas representam uma condição que a ficção contém como um todo: a de ser uma vasta biblioteca de histórias que passam de pai para filho, garantindo um acervo comum de personagens que demonstram esperanças, fraquezas e medos capazes de encarnar todos os sentimentos humanos imagináveis. Quando se fala na falência das tradições, sempre sentimos uma certa dificuldade em concordar totalmente com essa posição, já que há tanta tradição sendo mantida. E a arte parece ser um importante eixo dessa sobrevivência. Não deixa de ser surpreendente a conservação dos contos de fadas no contexto da história humana que tudo sucateia.

A professora da turma utiliza de vários recursos para contar histórias a fim de estimular e favorecer o prazer na escuta da narrativa. Allebrandt também nos orienta quais os recursos que se pode utilizar para uma boa contação de história

Alguns contadores contam histórias utilizando somente a expressividade da voz; outros contam usando a voz e efeitos sonoros; ainda outros usando várias vozes e efeitos sonoros; alguns outros mesclam voz e desenhos animados; em menor número, há aqueles contadores que combinam voz, corpo ou parte dele, com texto escrito, imagens e efeitos especiais; também há aqueles que fazem teatro e contam histórias usando os recursos característicos da arte teatral e gravam espetáculos (palavra, corpo, música, cenário, movimento) e, além disso, disponibilizam o texto no formato livro (palavra e imagem) ou CD

(somente áudio). Nasce o livro/espetáculo/CD (usando as técnicas do rádio teatro). Isso leva a um modo inovador de contar histórias, principalmente quando usa efeitos possibilitados pelas tecnologias digitais, mexe com o conceito de autoria e produz outras interações e novas formas de atribuir sentidos ao lido/visto/narrado (ALLEBRANDT, 2009, p. 4).

Para Frantz, o modo de contar histórias jamais leva à substituição do livro, muito pelo contrário:

O ato de contar histórias não visa a substituir a leitura do livro. Ao contrário, quer aproximar ouvinte/leitor e texto/ autor. Por isso, o trabalho do contador é fugaz. Por alguns momentos, ele ilumina e dá vida ao texto, introduzindo-o, majestosamente, em nossa vida e mostrando o quanto ela pode ser bela, triste, interessante, emocionante, cheia de histórias. E deste modo sugere a continuidade desta experiência gratificante, prazerosa, transformadora que é descobrir a vida que há nas histórias e as histórias que fazem a vida (FRANTZ, 2011, p. 73).

Entramos em contato com a literatura infantil é quando somos desafiados a ouvir e imaginar no momento em que ouvimos uma história. Para Abramovich (1997), “ouvir histórias é viver um momento de gostosura, de prazer, de divertimento dos melhores”, uma vez que é por meio da escuta que desenvolvemos nossos sentidos, nossa imaginação, nosso desenvolvimento emocional, social e cognitivo. Isso porque as histórias possibilitam abordar vários assuntos pertinentes à infância, além disso,

[...] é através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica...ficar sabendo história, geografia, filosofia, política, sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula [...] (ABRAMOVICH, 1997, p. 17).

O momento de ouvir história é como se fosse um ritual, todos brincam normalmente e, de repente, alguém sugere vamos escutar uma história o silêncio se instala na sala bem como a formação da rodinha todos atentos e, à medida em que ocorre a narração, vão fantasiando dando vida a sua imaginação.

O primeiro contato com a leitura se dá através da audição de histórias. Através do narrador de histórias (contador/ leitor) a criança é introduzida no mundo da leitura antes mesmo de saber ler. E os benefícios que daí advêm são fartos e bons (FRANTZ, 2011 p. 68).

Dentre os achados da pesquisa, constatamos que todas as crianças destacam a importância de ouvir e ler histórias, mesmo não decifrando o código linguístico. E, Zilbermann, defende que:

As pessoas aprendem a ler antes de serem alfabetizadas, desde pequenos somos conduzidos a entender um mundo que se transmite por meio de letras e imagens. O prazer da leitura, oriundo da acolhida positiva e da receptividade da criança, coincide com um enriquecimento íntimo, já que a imaginação dela recebe subsídios para a experiência do real, ainda quando medida pelo elemento de procedência fantástica (ZILBERMANN,1984, p. 107).

Ao escutar as crianças notamos que usam de linguagem própria para fazer seus momentos de contação e argumentam como fazem para ler. Bárbara afirma que “Gosto de ler, mas ainda não sei ler. Gosto muito de brincar de professora, leio para os meus amigos, vou criando uma história a partir de um livro. Gosto de ler para criar história aprender a ler” (Bárbara, 5 anos, 2015).

Em outras falas, Natália e Igor contam de que forma contam e leem histórias “Eu gosto de ler livros, gosto de ir à biblioteca, leio na escola, sala de aula e em casa. Leio para saber contar, olho as imagens e crio uma história, quanto mais leio melhor conto histórias leio para os meus colegas”. (Natália, 5 anos, 2015) “Eu gosto de ler. Conto muitas histórias para os meus brinquedos, eles são meus amigos, imagino coisas da minha cabeça” (Igor, 6anos, 2015).

O ouvir histórias proporciona à criança o prazer de se sentir importante e acolhida sabendo que alguém está lendo para ela. Num primeiro momento, desenvolve a capacidade de ouvir, que é aspecto essencial na aprendizagem; e, num segundo momento, de imaginar e recriar uma história, o que faz usando a memória e as imagens.

Para ilustrar, cito que na escola percebi que as crianças têm liberdade na escolha a literatura e histórias. Num determinado dia, a Bárbara escolheu o texto literário para ser contado na rodinha. Antes de a história ser contada pela professora, ela contou para seus colegas num grupinho. Após, entregou à professora o livro escolhido que fez a narração da história para o grande grupo. Notei que nesse momento a Bárbara prestou atenção em todos os detalhes: da história, das vozes, dos olhares e dos gestos. Após, a leitura ela pegou novamente o livro e recontou a história para seus colegas, mas usando linguagem própria, colocando ideias novas, readequando com o que ouviu da professora e usando das imagens como recurso. Ela faz o que Busatto descreve como recursos que o contador usa ao contar histórias:

Ao narrar uma história, o contador usa vários elementos, tais como: a voz, o olhar, a mímica, o gesto, o som, o corpo e o texto. Seu objetivo é encantar e prender a atenção dos ouvintes, conduzindo-os a um mundo imaginário, ao deleite e à reflexão. O contador aborda temas que dizem respeito a todo ser humano: o medo, a coragem, a alegria, a tristeza, a derrota, a conquista, o desejo, a insegurança, dentre outras questões. Este desejo de dar forma a uma história já era experiência vivida antes e continua até hoje, mas agora com mediação dos recursos digitais, e, muitas vezes, combinando linguagens que dão novos efeitos as histórias e mudam o jeito de contar e produzir sentidos (BUSATTO apud ALLEBRANDT, 2006, p. 2).

É como argumenta Abramovich que “ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo”. Também afirma que o contar uma história possibilita

primeiramente “a escutar, pensar e a ver com os olhos da imaginação”, pois ao ouvir história desenvolve-se também uma capacidade de grande imaginação.

Na perspectiva de Allebrandt,

[...] ouvir histórias é significativo na vida de cada um de nós, já que por meio delas construímos sentidos importantes para a nossa constituição, os quais deixam marcas na nossa história pessoal. O bom é que não há receita de como fazer, apenas ler e ouvir narrativas e deixar a corrente de sentidos fluir, disso decorre a apreensão e a elaboração individual de conteúdos que fazem sentido para a vida (ALLEBRANDT, 2009, p.3).

Durante o período das observações, percebi que as crianças usam muito a imaginação e a linguagem oral nas suas narrações e contação de história, a justificativa é dada por elas: “é porque ainda não sei ler”.

Também, constatei que a escola possui uma dinâmica de organização de seus ambientes e profissionais qualificados estimulam e favorecendo a pesquisa e o prazer pela leitura em todos os momentos. Em conversas com as crianças e a professora, percebi que a família assume papel de coadjuvante nas aprendizagens e nas vivências escolares de seus filhos. Fato que potencializa o prazer e gosto pela leitura, a qual ganha sentido na vida das crianças também no âmbito familiar.

Por exemplo, Gabriel revelou que gosta de ouvir e contar histórias, sendo que o ele mais gosta de fazer é criar suas próprias histórias “Eu tenho livros em casa e também faço livros. Gosto de escrever e desenhar gosto de livros diferentes- super-heróis, monstros. Imagino e desenho. Uso cola e grampos para montar os livros” (Gabriel, 5anos, 2015).

Acredito que a família tem um valor significativo na formação de leitores, pois é o primeiro grupo social da criança. É nos primeiros anos de vida que ela constrói seus referenciais e estar em contato com os livros amplia seu universo cultural. A maioria das crianças entrevistadas relatou que suas famílias se preocupam em contar histórias e possibilitam recontar e experimentar o ato da leitura.

O aprendizado da leitura ocorre a partir das experiências familiares, escolares e sociais, sendo a curiosidade marco inicial para desvendar como se lê. A leitura ocorre a partir das experiências e interações sociais e por meio dela reorganizamos os conhecimentos de mundo. Como explica Freire: “A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquela.” (FREIRE, 1982, p.11). Desta forma, quanto mais lemos nossa realidade mais aprimoramos nossos conhecimentos tornando sujeitos mais críticos, autônomos capazes de pensar e quanto mais lemos, mais passamos a refletir sobre o mundo.

As análises apontam para a relevância da mediação pedagógica e familiar na formação do sujeito leitor por meio de experiências significativas com textos de diferentes gêneros, principalmente os literários, numa proposta que tem a criança como protagonista de sua aprendizagem e em contexto (Formosinho, 2007).

Destaco, ainda, a relevância de um ambiente propício que possibilite a leitura e as interações que oportunizem ampliar conhecimentos e contribuam para o desenvolvimento infantil. Percebi que ali o gosto pela leitura e pelos livros acontece e que nos momentos mais descontraídos o ato de ler está presente como atividade lúdica, pois as crianças brincam de ler sem se importar com o código linguístico ou devolver conteúdos escolares.

A partir das falas das crianças, percebi a influência da família quanto à constituição de leitores, pois são famílias preocupadas com a formação geral e intelectual de seus filhos, por isso buscam incentivar a leitura, a criação e a imaginação na construção de novas histórias muitas vezes resultado de suas pesquisas e a própria curiosidade.

Finalizando, concluí que a escola em sua proposta pedagógica oportuniza que aconteçam experiências com a leitura e aproximação das crianças com os livros e que as interações oportunizam a formação de leitores e reelaborações dos textos ouvidos, gerando o contar história; também que a experiência de leitura para a criança vai além de decifrar o código linguístico, isso porque desperta desejos, criatividade, imaginação e curiosidade pelos livros infantis. Do que decorre a vontade de fazer como o outro lhe faz: ler histórias. Concordo com os teóricos lidos que as crianças aprendem a ler antes de ser alfabetizadas, principalmente se recebem incentivos dos adultos, possuem contato com os livros e vivem experiências prazerosas que promovem a formação do leitor.

Referências

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil - gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1995.

ALLEBRANDT, Lídia Inês. Contadores de Histórias Virtuais. **Seminário de Iniciação Científica** (17.2009; Ijuí,RS) Anais do 17. Seminário de Iniciação Científica. 14. Jornada de Pesquisa. 10. Jornada de Extensão, 22 a 25 de setembro de 2008, Ijuí, Santa Rosa, Panambi e Três Passos (recurso eletrônico)/ (organização), Vice-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Ijuí: Ed. UNIJUI, 2009.

ALLEBRANDT, Lídia Inês. /Literatura e Alfabetização: possibilidades pedagógicas no uso de softwares educacionais. In: **Anais do IV Seminário de Tecnologia Educacional**, 36ª CRE/CATE/DP/SE, em meio digital, ISBN 978-857429-632-6.

CORSO, Diana L. e CORSO, Mário. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: ARTMED, 2006.

FARIA Vitória Líbia Barreto de, Fátima SALLES. **Currículo na educação infantil: diálogo com os demais elementos da Proposta Pedagógica.** - 2.ed., São Paulo: Ática, 2012.

FRANTZ, Maria Helena. **O ensino de literatura nas séries iniciais.** Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1998.

FREIRE. Paulo. **A importância do ato de ler (em três artigos que se completam).** São Paulo, Autores Associados/ Cortez, 1982.

LARROSA, Jorge. In: **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.19, n2, p.04-27, jul./dez. 2011).

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros.** Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

RIZZOLI, Maria Cristina. Leitura com letras e sem letras na Educação Infantil no Norte da Itália. In: FARIA, Ana Lúcia G & MELLO, Suely A. (orgs.). **Linguagens Infantis: outras formas de leitura.** São Paulo: Autores Associados, 2005.

ZILBERMANN, Regina, **Literatura infantil: Livro Leitura, Leitor. In-. A Produção Cultural para criança.** São Paulo: Mercado Aberto 1984.

CENTRO DE EDUCAÇÃO BÁSICA FRANCISCO DE ASSIS. **Projeto Político Pedagógico: Centro de Educação Básica Francisco de Assis, Ijuí, 2014.**